

O RECIFE NOS ANOS VINTE: AS IMAGENS E VESTÍGIOS DO MODERNO E OS TEMPOS HISTÓRICOS

Antonio Paulo Rezende

Há registros diferentes dos significados e desdobramentos históricos da modernidade. É um processo de grande complexidade que se constitui de rupturas, mas que não se fez sem as continuidades. Na construção da história os diálogos entre permanência e mudança são constantes, não se deve pensá-la como uma construção homogênea e linear. A burguesia foi, efetivamente, na modernidade um sujeito social importante, na ação inicial para um criar um mundo secularizado, com outros ritos e com propostas de ressignificar a vida. Não há como negar, porém, a luta entre os que defendem a modernidade do mundo do capital e os construtores do socialismo e seus projetos críticos, alicerçados em utopias sedutoras. A modernidade foi construída no território da luta de classes, não feita apenas com a satisfação dos desejos absolutos da burguesia. Ela não está dissociada das dimensões do modernismo nas artes, da agitação cultural do final do século XIX e o início do século XX, com novas maneiras de representar o mundo e a vida, dos autoritarismos políticos e dos estragos trazido pelos inúmeros conflitos sociais. Seus fundamentos estão articulados com as tradições clássica, cristã e judaica. Seus conceitos de autonomia, igualdade, cidadania não podem ser compreendidos sem um conhecimento histórico dessas tradições. Elas funcionam como referências, daí a importância de se repensar os significados das tradições e não apenas chamá-las, preconceituosamente, de conservadoras do ponto de vista político.

Os tempos modernos ampliaram a diversidade, os projetos de dominação da natureza, as tramas que envolvem as relações de poder, as sutilezas dos discursos científicos, colocaram em destaque a autonomia do artista e as novas linguagens estéticas ansiosas por decifrar o mundo em que tudo que era sólido se desmanchava no ar, como afirmam Engels e Marx no Manifesto Comunista, texto indispensável para compreensão dos caminhos históricos da sociedade burguesa. Aprofundava-se, na história, o reino da cultura, pois um grande projeto de dominação instalava-se a partir da Europa com objetivos claros de conquistar o mundo. Esse projeto de dominação se fortaleceu com os avanços do imperialismo e com a consolidação da hegemonia norte-americana. A discutida globalização se alimenta dos feitos da modernidade, apesar de certas singularidades, muitas delas resultantes das mudanças tecnológicas e do culto ao tecnicismo.

A idéia de revolucionar o mundo e a exaltação da ideologia do progresso, de teor quantitativo, criaram cenários antes inimagináveis. As idéias iluministas foram fundamentais, aliadas depois ao positivismo e ao darwinismo, para que se estabelecessem modelos de relações sociais, modos de pensar sobre o homem e a natureza. São os contratempos que nos fazem questionar o que foi a modernidade, as suas perspectivas, até onde o apagar das tradições e a dissolução da memória contribuíram para crise do mundo contemporâneo. A interpretação freudiana da cultura ainda é válida e consegue responder a

certos enigmas colocados pelas esfinges modernas. Quando Freud assinala seu propósito de decifrar os enigmas do inconsciente revoluciona a compreensão que se tinha do ser humano e cria uma hermenêutica renovadora, ressaltando a importância da linguagem. Há, na construção da cultura, uma busca ansiosa pelo equilíbrio ou pela elaboração de saberes que criem e justifiquem que o homem é, efetivamente, como dizia Protágoras, a medida de todas as coisas. As utopias são produzidas para lançar no futuro a possibilidade de viver a harmonia e desfazer dos conflitos. Freud não acredita nessas utopias. O seu pessimismo, para alguns realismo, fica evidente, depois dos acontecimentos que desencadearam a primeira guerra mundial. As cenas de violência chocaram os que acreditavam na prevalência da solidariedade e diluíram a memória da *belle époque*. O conflito perpassa, porém, as relações sociais, os instintos de morte e de vida continuam presentes, a construção da cultura é tensa e instável, a felicidade é sempre um projeto, um cristal frágil e encantador, segundo as reflexões freudianas.

O historiador leva para o passado as suas inquietações cotidianas. Vive o cerco do seu tempo. Ele está envolvido pelas questões presentes que também ameaçam seu ofício, desfazendo antigos paradigmas. O passado não é algo morto, petrificado, mas uma invenção do presente. Os tempos históricos dialogam constantemente. As reflexões de Dilthey sobre o trabalho do historiador não devem ser esquecidas. O passado é reatualizado pelo presente. É um grande erro se pensar que a história se reduz ao estudo do passado, devidamente, estruturado. O presente é o tempo de síntese, concentrando memórias e ansiedades. A memória é seletiva, se tece com lembranças e esquecimentos, quem a controla consegue assegurar a hegemonia política. Tampouco o fato é revelador exclusivo da complexidade da ação humana. O fato é ponta do *iceberg*, tomá-lo como verdade significa reduzir a complexidade da história. Nessa perspectiva, a nossa análise da década de vinte, no Recife, busca o diálogo entre os tempos históricos. É uma tentativa de elucidar dúvidas que se enraízam na contemporaneidade. Na década de vinte, no Recife, aquilo que provocava impacto pelos seus ares de moderno, era resultado de outra experiência, de outro imaginário, de outros hábitos culturais. O novo e o velho eram mais nítidos, a retomada da tradição era constante, a memória não estava tão fragmentada, o cotidiano da cidade convivia com expectativas e ansiedades bem diferentes das nossas.

Não esqueçamos, porém, que as perguntas que formulamos estão conectadas com o nosso existir, com a nossa contemporaneidade e, às vezes, mergulhamos no traiçoeiro anacronismo. Vivemos um outro tempo que anuncia quebra de referências seculares. Temos dificuldade de visualizar quais os projetos que podem animar a sociedade e fazê-la retomar utopias ou visualizar um futuro otimista. Tudo isso acompanha a narrativa histórica. O saber contemporâneo abre trilhas incertas. Vagueia. Tergiversa. Mesmo aceitando que as metamorfoses da modernidade e suas possíveis ruínas, não podemos negar que, muitas vezes, "aquilo que passa por novo, por neo, ou por pós, é uma reelaboração de idéias tanto anunciadas como realizadas no tempo do

alto modernismo”¹. As fronteiras entre o antigo e o moderno são históricas, móveis e, às vezes, ilusórias. Dentro da perspectiva da hermenêutica registrado por Paul Ricoeur “a interpretação é o trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicado na significação literal...”². O antigo e o moderno estão nesse jogo, precisam ser decifrados nos seus conteúdos e na sua historicidade.

II

O Recife tinha, na década de vinte, uma importância regional destacada, apesar das constantes crises que afetavam a economia pernambucana decorrentes da prevalência, do quase monopólio dos interesses da agroindústria açucareira e da perda crescente de prestígio político desde a época do império. A sua população teve um crescimento expressivo: dos 113 mil habitantes que tinha em 1900, passou para cerca de 239 mil em 1920. O Recife não era uma cidade de construção histórica recente. Com uma história que atravessava períodos distintos, possuía desenhos urbanos diferenciados, memórias solenes de tantas lutas e dificuldades, uma tradição que estava enraizada e fortalecia movimento de preservação das “heranças” do passado. Não se pode esquecer a presença holandesa, os movimentos políticos do século XIX, as modernizações do Conde da Boa Vista, as lutas pela abolição e ideais republicanos, convivências singulares com o moderno, contrapontos historicamente importantes. No seu imaginário, a forte presença do passado, passível de múltiplas interpretações, de uma cidade marcada pela busca de uma autonomia política e atravessada por insuperáveis contradições sociais. O Recife era um cenário privilegiado, e continua sendo, para se analisar as relações tão dinâmicas entre o moderno e o tradicional.

Na década de vinte, eram constantes os debates sobre a modernização. Eles faziam parte da própria cultura ocidental e atraíam, sobretudo, os intelectuais das grandes metrópoles. A reorganização dos serviços de higiene e saúde públicas ganhou uma dinâmica importante, pois mudou o cotidiano e os costumes da cidade. As reformas urbanas que provocaram polêmicas na população e teve sua época áurea no governo do Sérgio Loreto (1922-1926), apoiado por uma aliança política construída com muita dificuldade. Comandada por Amaury de Medeiros, a reformulação dos serviços de higiene e saúde se propunha a redefinir a lastimosa situação em que eles se apresentavam, numa ação, considerada pelos seus autores civilizadora. O doente mental, antes confundido com um marginal comum, passa a ter um tratamento diferenciado. Falava-se em eliminar as feições coloniais e tropicais do Recife. O lema era “urbanizar, civilizar e modernizar”. Como sempre a modernização tem um forte marca do autoritarismo, expressava o desejo político das elites. Fazia-se, portanto, uma leitura dos projetos de modernidade

¹ Karl, Frederick. *O modernismo e modernismo*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro:Imago. 1988. P. 574

² Ricoeur, Paul *O conflito das interpretações*. Tradução de Sá Correia.Porto: Rés.s/d.p14

e procurava adaptá-los à realidade local.

Essa missão civilizatória fica bem clara, num trecho de um dos artigos de Amaury de Medeiros quando afirma que “Nós somos os pregoeiros de espírito novo e prático que quer as coisas humanas; nós somos os apóstolos de uma higiene muito mais racional que, em vez de querer colocar-se como ciência intagível e quase divina, a sombra de uma saúde sem preço, a quer produtiva e simples como indústria”³. A exaltação à racionalidade referendava a crescente articulação da ciência com a técnica, marcante da modernização ocidental em todos os níveis. Assim firmava-se um projeto que parecia imbatível e necessário, adquirindo conteúdo salvacionista. O mundo secularizava-se, mas não desprezava ritos e crenças, agora sob o signo da razão. O estado atuava como agente definidor das políticas de modernização.

A cidade remodelava-se para concretizar a modernização. Houve a construção de casas populares, a erradicação dos mocambos, os aterros dos mangues, a ampliação dos serviços de luz elétrica, a abertura de ruas e avenidas. Foi da época do governo de Sérgio Loreto o polêmico processo de urbanização da praia de Boa Viagem, com acusações da existência de ações que beneficiaram os governantes, no mau uso do dinheiro público. O noticiário da imprensa da época acompanha a remodelação do cenário urbano e as perplexidades que ela trazia. Os projetos de modernização estavam presentes nas grandes cidades da época redimensionando os espaços urbanos, facilitando os lugares possíveis para a expansão do capital. Nem todos usufruíam dos privilégios das reformas urbanas. Segundo Lemos Filho “logo que Sérgio Loreto assumiu o governo do estado, os carros e as viaturas oficiais passaram a trazer placas com iniciais das repartições a que pertenciam: Palácio do Governo, Docas do Porto, Secretaria da Agricultura, Departamento de Saúde e Assistência etc. As siglas eram interpretadas pela verve popular: Pago, Dinheiro Perdido, Sai Azar, Donde Saiu Amaury?...”⁴. Essa é a dinâmica da formação das cidades, seus projetos de modernização não são, apenas, “civilizatórios” ou “urbanísticos”. Expressam conflitos, luta dos menos favorecidos por melhores condições de vida e trabalho. O modelo europeu de modernização, sobretudo, inspirava projetos, alimentava sonhos, mas não conseguia disfarçar as desigualdades e os privilégios. Certas cidades funcionavam como espelhos onde as outras buscavam modelos para se mirar.

Não estamos, aqui, esquecendo outros processos de mudanças acontecidos no Recife. Mesmo no século XVII, a presença dos holandeses se fez transformando o pequeno espaço urbano existente, com a valorização imobiliária bastante significativa para época. Era o Recife, no contexto, uma cidade que acompanhava os traçados modernos e as aspirações dos governantes da época, diferentes dos colonizadores portugueses. Expressiva, também, foi a administração do Barão da Boa Vista, um conservador, nos meados do século XIX, com ajuda de técnicos europeus. Boa Vista que, havia vivido em Paris,

³ Medeiros, Amaury. “Não esmorecer para não desmerecer”. Recife: Inspetoria de Estatística, Propaganda e Educação sanitária. 1925. p12

⁴ Filho, Lemos. *Clã do Açúcar* (Recife: 1911-1934). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. Pp. 168/169.

trouxe engenheiros franceses, entre eles Vauthier, responsáveis por mudanças marcantes, na própria organização do espaço urbano, contribuindo na introdução de novos costumes de influência francesa. As obras no porto também causaram transtornos e debates, transformando em ruínas espaços de moradia seculares. Processos de modernização em momentos passados, mas que deixaram vestígios na cidade. Associava-se a modernização ao progresso. Os projetos da década de vinte se encontravam com a memória das reformas dos séculos passados. A cidade ressignificava conflitos e fazia outras leituras do seu passado. Em todos esses momentos, a modernização, praticamente, se impôs, com muita resistência e crítica da população expressas nesses verso populares:

Dona de casa , queira desculpa
Que polica sanitara entre em seu quintá
- Seu bedegueba, fique aí o dia inteiro,
Mas veja lá, o senhor preste atenção:
Não me arraque mamoeiro,
Nem me carregue o mamão”⁵

III

As repercussões da semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922, agitaram os intelectuais pernambucanos da época. As manifestações modernistas não ficaram restritas a São Paulo, como muitas vezes assinala a historiografia. Belém, Salvador, Recife, Rio de Janeiro, entre outras cidades, também foram cenários do modernismo. Os intelectuais tiveram atuação marcante, preocupados com a construção de uma identidade nacional, conectada com a possibilidade de se pensar a autonomia cultural. No Recife, Gilberto Freyre, voltando dos seus estudos nos Estados Unidos, começava a ter liderança intelectual, causando polêmicas. Aliás, ele já escrevia artigos no Diário de Pernambuco desde 1918. Em 1925, numa edição especial de comemoração do centenário do mesmo jornal, Freyre coordenou a publicação do Livro do Nordeste, com 31 ensaios nas mais diversas áreas de pesquisa, dos quais três escritos por ele (A Vida social no Nordeste, A pintura no nordeste e A cultura da cana no nordeste). Em 1926, articulou o Congresso Regionalista, “tradicionalmente e ao modo modernista”, de onde se afirma haver saído o famoso Manifesto Regionalista, fato amplamente contestado por Joaquim Inojosa. Freyre firmava bases de um pensamento que ainda perdura, apesar das tramas pós-modernas. Firmava-se, nesses movimentos, uma representação sobre a região que ia se enraizar e ganhar uma forte densidade política.

Com *Casa Grande & Senzala*, lançado em 1933, *Sobrados & Mocambos, Região & Tradição*, Gilberto Freyre iria se consolidar com uma vasta obra renovadora para a sociologia produzida no Brasil. Critica-se, até hoje, o caráter conservador das suas afirmações e conclusões e do seu comportamento político de aproximação com as elites dominantes, sobretudo no pós- 64 quando apoia

⁵ Costa Porto, José. *Os Tempos de Estácio Coimbra*. Recife: Editora Universitária.1977. p.111

os governos militares e ajuda a justificar a satanização do comunismo. Na década de vinte, antes de escrever suas obras mais destacadas, Freyre caminhava por trilhas aparentemente contraditórias, era, como se autodefinia, o homem dos paradoxos. Não se juntava àqueles que se encantavam, sem censura, com a modernidade. Colocava limites e críticas aos desejos de modernização, alimentando um saudosismo dos outros tempos do Recife. Considerava-se, no entanto, ao seu modo um modernista. Estava atualizado com as mudanças ocorridas na Europa e nos Estados Unidos e as divulgava. Freyre deu grande alento ao debate intelectual da época, sendo um grande polemista durante toda sua vida.

Mesmo nas suas obras posteriores, das últimas décadas da sua produção, Freyre não se desfez da sua admiração pelo passado e sua tese básica que registra a singularidade da cultura brasileira, com suas miscigenações e sua forma plástica de viver o cotidiano que amplia suas possibilidades de construir uma identidade marcante, até nos chamados tempos pós-modernos. Uma surpreendente revelação sobre esses tempos se encontra no seu livro pouco conhecido *Além do apenas moderno*. Freyre arquiteta, aí, um amplo projeto de articulação dos tempos históricos, onde a simultaneidade ganha um espaço considerável, o novo e o velho dialogam de maneira inusitada. Mantém, portanto, sua prática discursiva de conexão do tradicional com o moderno, fazendo exercícios de futurologia que não quebram a continuidade das suas idéias fundantes construídas nos anos vinte do século passado que se reproduziram com outras vestimentas, envolvidas noutras circunstância. A tradição da polêmica não se afastava, portanto, dos textos de Freyre, consagrando seu cenário preferido, não de silêncios, mas de dissonâncias e contrapontos.

Em vários momentos da sua produção, Freyre destaca seu apego e preferências pelas chamadas coisa da terra. No seu famoso diário, num comentário de 1925, faz observações sobre a culinária e sobre as mulheres, onde mais uma vez tece suas ironias e ambigüidades. Diz ele: “Eu, por mim, se por um lado sou entusiasta de caviar com *champagne* e de outras finas iguarias européias, por outro, aprecio, e muito, comidas mais plebéias e, para o europeu, exóticas. E com relação a certos quitutes, certos doces, sobretudo prefiro os de rua aos feitos requintadamente em casa. Arroz-doce, por exemplo, não para mim, como o de rua. O mesmo digo de tapioca. Do grude. As pretas de tabuleiro parece que, no preparo, de uns tantos quitutes, dispõem de uns quindins ignorados pelas sinhás brancas. O mesmo me parece certo de certas maneiras da fêmea não só seduzir como conservar o macho : a mulata plebéia é superior à branca fidalga”⁶.

Outro intelectual da época, Joaquim Inojosa, incorporou-se, sem maiores dúvidas, ao discurso modernista de 1922 e se considerou seu mais fiel representante no Nordeste. Fez sua divulgação no Recife, conseguindo adeptos e espaço na imprensa. As suas polêmicas ficaram famosas, juntamente com seu trabalho de crítica à atuação de Freyre na década de vinte. Deixou registros

⁶ Freyre, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975 p.164

amplos da sua trajetória modernista e das discussões com seus opositores em três volumes, bem documentados, intitulados *O Movimento Modernista em Pernambuco*. Inojosa teve uma atuação regional importante na divulgação do modernismo. Fez vários contactos com os intelectuais de outros estados ligados ao modernismo. Comportava-se como missionário. Escreveu em órgãos importantes da imprensa da época como a *Pilhéria*, o *Jornal do Comércio*, *Rua Nova* e fundou a revista *Mauricéa*. A sua escrita acompanhava as mudanças trazidas pelo modernismo. Numa de suas crônicas, publica na *Pilhéria*, em 18/12/23, enfatiza: “Amo os poetas de verso solto, que não peiam a imaginação nos círculos das rimas do hemistíquio; amo a hora como quem aguarda um grande inimigo: porque o dia de amanhã tem por necessidade destruir o que o de hoje construiu: eu vou realizando o meu sonho de arte, quer seja futurista, quer não; amo tudo que é novo, original e inédito”

O debate entre Freyre e Inojosa é exemplar para o estudo da intelectualidade pernambucana. Nele estão presentes ambigüidades que até hoje fazem parte das interpretações existentes sobre a nossa cultura e a questão regional. Parece que vivemos cercados de fantasmas. O passado nos seduz e , ao mesmo tempo, nos assombra. Freyre buscou uma inteligente conciliação, terminando por sacralizar um tipo de passado, idealizá-lo, assumi-lo como uma identidade singular e gloriosa. Apesar de certos desequilíbrios, não há razão para que ele nos envergonhe, segundo Freyre. O passado é o nosso grande espelho que nos garante um lugar privilegiado. Por isso, o grande receio que a modernização quebre o espelho e nos roube essa identidade mágica.

Inojosa criticava o passadismo, procurava o moderno, a velocidade, articulava-se com o futuro, com a sedução do progresso e não da tradição. Nos seus escritos procurava firmar os traços da literatura modernista. Citava escritores com Mário de Andrade, Graça Aranha, revelando seu apego pelo “futurismo” que Freyre em artigo publicado em 15-11-1925, no *Diário de Pernambuco* criticava: “o chamado “futurismo” de certos poetas e artistas jovens do Brasil tina mais de “primitivismo” ou “instintivismo” que de “futurismo” ou “modernismo”. Freyre fazia crítica ao poeta Guilherme de Almeida que, na época, havia estado no Recife. Nessa polêmica, cada um tinha seus aliados. Era uma batalha sobretudo no campo intelectual. A maioria fazia parte da elite política, ou tinha com ela compromissos, inclusive o modernista Joaquim Inojosa. Nas manifestações operárias da década de vinte não verificamos a participação desses intelectuais de outros, como Joaquim Pimenta, professor da faculdade de Direito que, depois de 1930, fazia parte da assessoria do governo de Getúlio Vargas e Cristiano Cordeiro, um fundadores do Partido Comunista. Inegavelmente, esses olhares sobre os diversos espaços e discursos do modernismo no Brasil são reveladores que esses movimentos são mais complexos do que antes imaginava a historiografia.

Quem pode negar que essas questões ainda permanecem e inquietam nossos corações e mentes? O que deve ser registrado é que a sociedade enfrenta, atualmente, uma crise profunda, com perdas incomensuráveis para os amantes das tradições, com frustrações visíveis para os entusiastas da sociedade tecnológica. A globalização nos aproxima e , ao mesmo tempo, nos distancia,

temos dificuldades de lidar com tantas novidades que aceleram nossa voracidade consumista e multiplicam o uso de recursos para administrá-la: do Lexotan ao chá de camomila, da consulta à cartomante à missa do padre Marcelo, da sessão de umbanda ao mecanismo transferencial explorado pela mídia, das novelas da Globo e às sessões das terapias alternativas. Terminamos por construir uma identidade fragmentada. Um olhar de maior empatia com a tradição ganha espaço, daí os novos estudos sobre a obra de Freyre. Queremos referências, refazer o espelho que está estilhaçado, reconstruir paradigmas e inventar outros sonhos. Um diálogo entre ocidente e oriente aproxima culturas diversas, massificadas pela força da indústria cultura, mas que conseguem criar espaços de resistência.

Firmam-se teóricos que discutem a virtualidade e outros que assinalam a construção de novas identidades com Homi Bhabha e Stuart Hall. Bhabha, no seu livro *O Local da Cultura*, afirma que “O presente não pode ser mais encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias”⁷. O contemporâneo nos assusta, pois não sabemos, ainda, como decifrá-lo. Não se trata de algo inusitado historicamente. Nunca foi fácil traduzir o tempo que se vive, o que se esconde por detrás das suas máscaras. Bhabha propõe considerar o hibridismo da cultura, a mistura dos discursos e a comunicação dos saberes, sem deixar de lado os conflitos que atravessam as relações sociais. Suas análises são renovadoras, fogem do dualismo e da teleologia.

III

A década de vinte assistiu também ao surgimento do ciclo de cinema do Recife, com destaque na produção cinematográfica brasileira. Muitos filmes foram produzidos e alguns se tornaram clássicos como *A Filha do Advogado*, *Aitaré da Praia* entre outros. O ciclo pernambucano chegou a produzir 13 filmes em oito anos no período de 1923/31. A maior parte dos envolvidos na elaboração dos filmes estava na faixa dos 20 a 25 anos. Foi chamada a fase heróica do cinema pernambucano. A partir da fundação da “Aurora-Filme”, Edson Chagas e Gentil Roiz desencadearam a produção de filmes em Recife. Contaram os produtores com o entusiasmo de Joaquim Matos, proprietário do cine Royal que transformava cada exibição cinematográfica numa verdadeira festa. Apesar da falência da “Aurora-Filme” em 1925, no seu projeto original o ciclo continuou. Outras figuras se destacaram como Jota Soares, Pedrosa da Fonseca, Pedro Salgado entre tantos outros.

O cinema redefinia horários de lazer, aproximava corpos, definia comportamentos. A indústria da fantasia, um pacto com o eterno, a fuga da monotonia do cotidiano, a criação de um novo território para o sonho, para que cada um pudesse multiplicar seus amores e esquecer das suas cruéis

⁷ Bhabha, Homi. *O local da cultura*. (Tradução de M. Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves) Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.p. 23

limitações, até que, de repente, as luzes se acendam. A sessão acabou, mas a vida continua e a fantasia segue, sem ela morreríamos de tédio e de amargura. Assim, o cinema inseriu-se na nossa cultura. As imagens nos envolvem, nos seduzem, nos amedrontam: a mocinha e o mocinho, Super-Homem, a dama e o vagabundo, *serial-killer*, Carlitos e o Homem-Aranha... O cinema é a celebração da vida, mas também da morte. É mais um registro do mal-estar da cultura ou das suas possibilidades de transcendência. A modernidade secularizou a cultura, mas não de forma absoluta. Talvez, tenha havido pequenas inversões. Não dispensamos os ritos, nem tampouco os mitos. É preciso identificar as permanências, para não criar rupturas ilusórias.

O Recife era atravessado pelo impacto das invenções modernas, no seu cotidiano, provocando reações da população. Embora prevalecesse, na política, o interesse dos grandes proprietários, ligados à agro-indústria açucareira, constituía-se uma camada média que tinha importância na discussão intelectual da época. Era significativa a quantidade de jornais que circularam na década com destaque para A Província, Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, Jornal Pequeno, Jornal do Recife. O mesmo ocorre com relação às revistas: Mauricéa, A Pihéria, Revista do Norte, Revista da Raça, Revista de Pernambuco. A imprensa era o grande veículo de divulgação de idéias. As revistas tinham, na sua grande maioria, vida curta. Começam polêmicas que se partiam com final das suas efêmeras publicações. A Pihéria fez uma outra trilha. Registra quase toda década, com muita ironia e riqueza gráfica admirável. Sua linguagem moderna, suas colunas, seu humor são, efetivamente, de uma singularidade marcante.

Uma reflexão histórica sobre o modernismo, a modernidade e a modernização, no Recife dos anos vinte, contribui para o debate atual sobre a questão da modernidade e do urbano. A produção existente continua mais centrada na análise do Sudeste, por motivos da própria configuração teórico-metodológica e, até mesmo, das relações de poder que regem a produção acadêmica. É obvio que o espaço histórico não é homogêneo e, nem tampouco, se conhecendo o centro mais dinâmico do fazer/representar históricos se possa dar conta da multiplicidade que atravessa a formação da sociedade brasileira. Existem muitas surpresas nesses percursos.

A questão da modernidade/modernização teve e tem ressonâncias na sociedade como um todo e a reprodução desigual do capital não é suficiente como explicação das especificidades regionais. Embora pareça ser secundária a questão regional não deve ser desprezada. Ela está presente, inclusive, na formulação do movimento modernista da década de vinte, na maneira como ele vê as fronteiras entre o passado e presente, como ele resgata as tradições ou procura sepultá-las definitivamente. A sociedade busca o novo, mas não consegue, muitas vezes, se desvencilhar do antigo. Fica difícil visualizar as fronteiras entre passado e presente, não é exagero afirmar que o passado é também uma invenção do presente.

A historiografia vem fazendo muitas incursões em territórios antes desconhecidos. Cada volta ao passado, cada leitura que dele fazemos, é uma viagem cheia de invenções, mas nunca definitiva. Como bem assinala Ricoeur

“Toda interpretação se propõe vencer um afastamento, uma distância, entre a época cultural passada à qual pertence o texto e próprio texto”⁸. Lidamos, portanto, com aproximações. Não esgotamos o real, nem tampouco os seus simbolismos. Ainda na trilha aberta por Ricoeur, estamos, nesse processo de interpretação, em busca de uma compreensão de nós mesmos e ela apenas se constrói numa relação com o outro. O outro tempo, a outra pessoa, a outra escrita, a outra história que sempre desafiando nossas tentativas de solidão nos ajuda a captar melhor os movimentos do mundo.

A cidade pode se situar no contexto das reflexões feitas acima. A cidade se mostra no visível, esconde-se no que tem de invisível, é muito maior do que o espaço físico que ocupa e menor que os sonhos e desejos dos seus habitantes. Cabe ao historiador dialogar com seus mistérios, sem a pretensão de exauri-los. Como registra Ítalo Calvino, no seu livro *As Cidades Invisíveis*⁹, cada cidade contém todas as cidades. Para vê-las, na sua diversidade, basta olhar com os olhos do coração e da aventura, interpretá-las, como Marco Polo, aguçar os sentidos, compreender sua dimensão simbólica¹⁰, enganar um pouco a arrogância da razão, não esquecer que a vida é mágica, por isso estamos exaustos de tanto tentar entendê-la, cartesiamente. O grande problema dos sujeitos da modernidade, talvez seja o que Octavio Paz assinala no *El laberinto de la soledad*: “El hombre moderno tiene la pretensión de pensar despierto. Pero este desperto pensamiento nos ha llevado por los corredores de una sinuosa pesadilla, en donde los espejos de la razón multiplican las cámaras de toruturas”¹¹. Eles quiseram sonhar com os olhos abertos, fascinados com as luzes da razão.

A história se alimenta, como travessia e aventura, de constantes e surpreendentes reinvenções. Temos de reinventar um novo discurso do método que não negue a importância da crítica e da dúvida, mas que contemple as confusas identidades que cercam o mundo contemporâneo. Como afirma Joel Birman “A auto-exaltação desmesurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatilização da solidariedade. Enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. Cada um por si e foda-se o resto parece ser o lema maior que define o *ethos* da atualidade, já que não podemos, além disso, contar com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado”¹². Quem ousaria fugir do “Penso, logo existo”, traçar outras formas para os nossos labirintos, inventar um outro discurso do método?

Num mundo desencantado, os olhares são apressados, a troca afetiva se torna quase impossível. Os espelhos são as vitrines e os *shopping centers*, templos majestosos e artificiais. O silêncio termina, muitas vezes, por ser a

⁸ Ricoeur, P. op. cit. p. 18.

⁹ Calvino, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras. 1980.

¹⁰ Ricoeur, Paul. “Chamo símbolo a toda a estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa por acréscimo um outro sentido indireto, secundário, figurado, que apenas pode ser apresentado através do primeiro”. Op. cit. p.14.

¹¹ Paz, Octavio. *El laberinto de la soledad*. 3 edição. México; Fondo de Cultura Ecómica. 1986.p.191.

¹² Birman, Joel. *Mal-estar na atualidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2 edição. 2000. pp. 24/25.

forma mais acabada de resistência e de ser *gauche* na vida. Somos cidadãos do mundo, do mundo das mercadorias. Para sobreviver é preciso lembrar o nosso poeta maior, Carlos Drummond, não mudar de nome por causa de uma rima, mas ter um coração mais vasto que o mundo. Essa é a vereda para o reencantamento, sem as assombrações das perdas, apenas com as imagens quase invisíveis dos seus vestígios. É a arquitetura da fraternidade que pode retomar o desígnio maior da modernidade, seu projeto de autonomia, pois ela é a que mais incorpora a magia da afetividade e a energia dos corpos, o diálogo que distingue, mas não separa, a cultura da natureza.

Bibliografia

- AZEVEDO, Neroaldo. 1984. *Modernismo e Regionalismo (Os Anos Vinte em Pernambuco)*. João Pessoa: SEC da Paraíba.
- CAVALCANTI, Vanildo. 1977. *Recife do Corpo Santo*. Recife: SEC.
- FREYRE, Gilberto. 1979. *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRESA/MEC.
- _____. 1941. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- INOJOSA, Joaquim. 1969. *O Movimento Modernista em Pernambuco* (3 volumes). Rio de Janeiro: Gráfica Tupy.
- MOURA, Abdias Cabral de. 1977. *As Idéias de Hoje em Jornais de Ontem*. Recife: AIP.
- OLIVEIRA, Waldemar de. 1975. *No Tempo de Amaury de Medeiros*. Recife: Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco.
- PERRUCCI, Gadiel. 1978. *A República das Usinas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PIMENTA, Joaquim. 1949. *Retalhos do Passado*. Rio de Janeiro: Coelho Branco.
- REZENDE, Antonio Paulo. 1997. *(Des)encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte*. Recife: FUNDARPE.
- SETTE, Mário. 1948. *Arruar*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- SETTE, Mário. 1940. *Anquinhas e Bernardas*. São Paulo: Martins.
- SOUZA BARROS, M. 1969. *A Década de Vinte em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Paralelo.

RESUMO

O Recife nos Anos Vinte: As Imagens e Vestígios do Moderno e os Tempos Históricos

Este texto tem como objetivo provocar um diálogo entre o passado e presente, mas especificamente entre as questões colocadas pela contemporaneidade e algumas experiências históricas vida no Recife dos anos vinte do século passado. Seu eixo teórico busca fazer uma reflexão sobre a modernidade como construção de um complexo projeto civilizatório que nega e, ao mesmo tempo, se vincula a tradições da história do Ocidente.

Palavras-chave: Recife nos anos 20; tempo histórico; modernidade.

ABSTRACT

Recife in the Nineteen Twenties: Images and Traces of Modern and Historic Times.

The objective of this article is to initiate a dialogue between past and present and specifically between questions suggested by contemporaneity and some lived experiences of Recife during the 1920s. Its theoretical aim is to reflect upon modernity as the construction of a complex civilization project that negates at the same time as its links with western traditions.

Keywords: Recife in the Nineteen Twenties; historic time; Modernity.